

A VIRAVOLTA SCHWARZIANA

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p128-141>

Hélio de Seixas Guimarães

RESUMO

Este texto apresenta e avalia o que significou a entrada de Roberto Schwarz nos estudos machadianos, a partir de meados da década de 1970, destacando seu aproveitamento da crítica pregressa, seu diálogo com os contemporâneos e as modificações que sua leitura produziu e continua a produzir sobre a obra e a figura do escritor.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; crítica e interpretação; Roberto Schwarz.

ABSTRACT

This text presents and evaluates the significance of Roberto Schwarz's entry into Machado studies in the mid-1970s, highlighting his use of earlier criticism, the dialogue with his contemporaries, and the changes that his reading has produced and continues to produce on the work and figure of the writer.

KEYWORDS: Machado de Assis; criticism and interpretation; Roberto Schwarz.

Q

uando os primeiros textos de Roberto Schwarz sobre Machado de Assis foram publicados, na década de 1970, o Brasil estava mergulhado em um dos momentos mais violentos da ditadura militar que se instalara no país com o golpe de 1964. Eram os tempos de Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, em cujos governos registraram-se centenas de mortes e desaparecimentos políticos perpetrados pelo Estado, e em que muitas outras pessoas foram exiladas ou se autoexilaram. Enquanto isso, no Congresso Nacional, discutia-se quem deveria ser o patrono das letras do Brasil: José de Alencar ou Machado de Assis? A esse propósito, Glauber Rocha polemizava no *Jornal do Brasil* em artigo no qual faz menção à tese que Roberto Schwarz então concluía em Paris e que daria origem a *Ao vencedor as batatas*; o diretor de *Terra em transe* tomava o partido de Alencar (sua literatura “é o encontro do Negro com o Solimões”) em detrimento de Machado (“sua literatura é água encanada”).¹ O Ministério da Educação e Cultura, chefiado por Ney Braga, aprovava a “Política Nacional de Cultura” que atribuía aos meios de comunicação de massa papel estratégico na difusão da cultura brasileira, incluindo a literatura. A televisão passava então a transmitir sua programação em rede nacional, e *Helena* inaugurava a Faixa Nobre, projeto da Rede Globo de

¹ ROCHA, Glauber. “*O Guarani* e *Dom Casmurro* ou a competição entre Iracema e Capitu pelo título de Miss Brazyl”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 set. 1976 (Caderno B, p. 10). Apud GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares 1939-2008*, v. 2. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019, p. 383-90.

adaptação de clássicos brasileiros para telenovelas, que incluiria também *Senhora* e o sucesso internacional *A escrava Isaura*.

No âmbito da crítica machadiana, os textos que tiveram maior reverberação no período incluíam o ensaio de José Guilherme Merquior “Gênero e estilo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*” (1972) e os livros *Metáfora: o espelho de Machado de Assis* (1974), de Dirce Côrtes Riedel, leitura bakhtiniana de alguns contos e romances; *A psiquiatria de Machado de Assis* (1974), de José Leme Lopes, análise psicanalítica e psiquiátrica de personagens; e *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* (1974), de Raymundo Faoro, leitura sociológica do conjunto da obra. Faoro, autor de um clássico do pensamento social brasileiro, *Os donos do poder*, demonstrava como Machado de Assis, mediante a observação precisa dos costumes, compôs em seus escritos um painel amplo da sociedade do Segundo Reinado, apresentando um mundo em mutação, marcado pela ascensão do dinheiro, pela promiscuidade entre capital e poder político e pela passagem da organização social em estamentos (daí a figura do trapézio) para a configuração de uma sociedade de classes (daí a pirâmide).

Foi nesse ambiente político e cultural que Schwarz lançou em três artigos suas primeiras proposições para a leitura de Machado de Assis: “As ideias fora do lugar” (1973), “Criando o romance brasileiro” (1974) e “Só as asas do favor me protegem” (1976). Esses textos, com pequenas modificações, comporiam em 1977 *Ao vencedor as batatas*; os dois primeiros correspondem às duas partes iniciais do livro; o último, um ensaio sobre *Helena*, integra a terceira parte, que também trata de *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia*. A interpretação da obra de Machado de Assis seria desenvolvida nas décadas seguintes com a publicação de *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), dedicado às *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e *Duas meninas* (1997), que contém “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”, além de uma série de ensaios recolhidos nas coletâneas *Que horas são?* (1987), *Sequências brasileiras* (1999), *Martinha versus Lucrécia* (2012) e *Seja como for* (2019).

Tratando principalmente dos romances de Machado de Assis, a leitura de Roberto Schwarz parte do pressuposto de que o problema fundamental de qualquer romance é constituir um princípio formal capaz de acolher a empiria. Assim, um dos principais problemas literários que Machado enfrentou desde os primeiros livros que produziu nesse gênero foi encontrar uma forma literária que

desse conta do Brasil, ou seja, que fosse capaz de imitar em profundidade, formalmente, as peculiaridades do processo social brasileiro.² O romance machadiano é lido, portanto, a partir da suposição de que seu vetor implícito é o realismo, a despeito até mesmo da “militância antirrealista”³ de Machado de Assis, afirmada em vários de seus textos críticos.

Nos vinte anos que separam *Ao vencedor as batatas* de *Duas meninas*, Schwarz produziria uma viravolta no entendimento que até então se tinha do autor e de sua obra, deslocando-o da posição de escritor conservador, convencional e inofensivo, pouco interessado nas questões do Brasil, para o lugar do escritor mais profundamente crítico da sociedade brasileira, que captara como ninguém as dinâmicas sociais locais, armando em surdina uma denúncia devastadora dos comportamentos da elite brasileira e, por extensão, da ordem mundial capitalista, da qual essa elite era — e continua a ser — sócia. Nas palavras do crítico,

Machado, ao mesmo tempo que era reconhecido como o grande escritor brasileiro, era contabilizado como escritor dos conservadores, porque ele é elegante, porque ele pôs o pronome nos lugares certos, porque não fala palavrão, enfim, é um escritor conservador. E eu tinha convicção de que a ironia dele dizia coisas fortes sobre o Brasil, coisas duras sobre o Brasil, que valia a pena esmiuçar. E havia uma espécie de desígnio político secreto de dizer: o depoimento de Machado de Assis que em geral conta do lado conservador na verdade é um depoimento crítico, quer dizer, um depoimento que conta do lado da esquerda.⁴

Em suma: em plena ditadura militar, Schwarz conseguia o feito de tirar Machado do campo conservador e reposicioná-lo como um aliado do pensamento crítico de esquerda. Se hoje é senso comum que ele é um escritor que trata da

² Cf. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 69.

³ *Ibid.*, p. 65.

⁴ SCHWARZ, Roberto. Entrevista a José Miguel Wisnik. Disponível online em: https://www.youtube.com/watch?v=1MglFAyQp_c. Acesso em: 23 abr. 2025.

realidade brasileira de forma crítica, isso se deve em grande parte às leituras de Roberto Schwarz. A extraordinária viravolta era acompanhada da inserção de Machado na linhagem dos grandes escritores realistas, tais como Henry James, Zola e Flaubert, ainda que para criar o grande romance realista à brasileira utilizasse procedimentos muito diversos, quando não opostos, aos adotados pelos seus pares europeus.

O mais notável é que a inflexão na imagem e no entendimento do escritor, sobre o qual por muito tempo pesou a acusação de ser indiferente à realidade brasileira, não se dava com uma ruptura com o que até então havia sido dito sobre ele, mas pelo aproveitamento criterioso — fosse para concordar ou discordar — do que tinha sido pensado e dito sobre Machado de Assis por pelo menos três gerações de críticos. Nessa galeria entram Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo; Augusto Meyer, Lúcia Miguel Pereira e Barreto Filho; Antonio Cândido, Jean-Michel Massa e Raymundo Faoro, para ficar apenas naqueles que se ocuparam com mais profundidade, ainda que indiretamente, dos escritos de Machado de Assis. Entre esses, destacam-se Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer e Antonio Cândido, cujas ideias estão na base da leitura de Roberto Schwarz, que entretanto imprimiu giros importantes nas proposições de cada um deles.

De *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)* (1936) e especialmente do capítulo dedicado a Machado de Assis em *Prosa de ficção* (1950), de Lúcia Miguel Pereira, aproveitou a observação sagaz de que o movimento geral do romance de Machado de Assis compreendia um ciclo da ambição, em livros protagonizados por heroínas pobres em busca da ascensão social; esse ciclo, que se estende pelos primeiros romances, é sucedido, a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por um conjunto de obras em que prevalece a visão desencantada de quem observa, desde dentro e do ângulo de alguém que está por cima, a hipocrisia da alta sociedade. Lúcia Miguel Pereira observara a temática comum a *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia* ao estabelecer relações causais entre a ficção e a biografia do escritor, que descreveu um percurso ascensional da origem familiar modesta à acomodação no casamento burguês com Carolina e na burocracia estatal, assim como em seus romances deslocou o foco das heroínas pobres para os anti-heróis socialmente bem-posicionados.

Schwarz acompanha o arco descrito por Lúcia Miguel Pereira, atenuando as explicações biográficas. A mudança de tom e ponto de vista — dos narradores em terceira pessoa conformistas e simpáticos às heroínas dos primeiros romances para os narradores em primeira pessoa que a partir de *Brás Cubas* imitam comportamentos dos membros da elite escravocrata e rentista — havia sido atribuída por ela a um período de doença e retiro no final da década de 1870, à crise dos quarenta anos, à leitura dos humoristas ingleses. Já para Schwarz, a viravolta resultaria de uma compenetração do escritor em relação ao processo histórico e às dinâmicas sociais do país:

Nalguma altura anterior às *Memórias* e posterior a *Iaiá*, faltando um decênio para a Abolição, o romancista se terá compenetrado deste movimento decepcionante e capital. O arranjo civilizado das relações entre proprietários e pobres, que estivera no foco do trabalho literário da primeira fase, ficava adiado *sine die*. De agora em diante Machado insistiria nas virtualidades retrógradas da modernização como sendo o traço dominante e grotesco do progresso na sua configuração brasileira.⁵

A mudança de ângulo de visão permitia desvelar desde dentro, ou seja, pelos próprios praticantes do arbítrio à brasileira, como é o caso de Brás Cubas e Bento Santiago, o que seriam os valores e as dinâmicas que efetivamente regem as relações de dominação numa sociedade assentada sobre o trabalho escravizado.

Em continuidade à leitura de Lúcia Miguel Pereira, há a afirmação de Machado de Assis como um escritor brasileiro interessado em questões sociais, em oposição à visão que predominou até o final da década de 1930, a de um escritor universal, pouco interessado na vida do país. Roberto Schwarz fará a demonstração mais sistemática e convincente de uma relação dialética entre o nacional e o “universal”, reconfigurada na relação entre o Brasil, país periférico, e as matrizes do capital, situadas especialmente na Europa, o que expunha

⁵ SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas cidades, 1990, p. 212.

contradições do capitalismo e da ordem liberal e burguesa, às quais Machado de Assis teria dado forma literária.

A presença de Lúcia Miguel Pereira na crítica de Schwarz é perceptível com mais força na terceira parte de *Ao vencedor as batatas*, dedicada à análise cerrada dos romances iniciais e intitulada “O paternalismo e a sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis”. Isso fica reconhecido pelo crítico: “Muito do que se dirá neste capítulo está indicado, em perspectiva biográfica, por Lúcia Miguel Pereira, em seu notável *Prosa de ficção*”.⁶

Da mesma forma que ela é decisiva para a interpretação dos primeiros romances, Augusto Meyer é fundamental para a interpretação das *Memórias póstumas* em *Um mestre na periferia do capitalismo*. Isso também fica indicado por Schwarz na referência a um ensaio do crítico gaúcho, “De Machadinho a Brás Cubas” (1958), que lhe dá elementos para identificar o que seria o princípio formal do romance:

As observações e deduções de Meyer, neste e outros estudos, são o ponto alto da crítica machadiana. Conservam poder de revelação notável, apesar do envelhecimento de seu quadro teórico, o que aliás ilustra a independência relativa entre conceituações adotadas e, do outro lado, a percepção literária e a capacidade de expressá-la. O presente trabalho deve muito às formulações de Meyer.⁷

Distanciando-se do Machado como perscrutador das profundezas da alma humana, dos demônios interiores, do qual Meyer é o principal artífice, Schwarz aproveita algumas de suas observações para atribuir-lhes outro sentido. Uma delas é a frase “Fez do seu capricho uma regra de composição”, que serve de epígrafe para o capítulo “Um princípio formal”.⁸ O crítico e poeta do modernismo gaúcho observara no ensaio “O homem subterrâneo”, de 1935, que o andamento da prosa de Brás Cubas estava marcado pelo capricho, outro modo de caracterizar “a forma

⁶ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. *Op. cit.*, p. 71.

⁷ *Id. Um mestre na periferia do capitalismo*. *Op. cit.*, p. 31.

⁸ MEYER, Augusto. “O homem subterrâneo”. In: *Machado de Assis (1935-1958)*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 15.

livre de um Sterne, de um Lamb, ou de um de Maistre”,⁹ ou ainda de um livro e de um estilo que “guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...”¹⁰

No citado ensaio de 1958, Meyer dá-se ao trabalho de verificar nos capítulos iniciais do romance a profusão de “referências, nomes, alusões históricas e literárias” e enumerá-las:

Stendhal, Sterne, Xavier de Maistre, Moisés e o Pentateuco, Hamlet e o seu solilóquio, alusão a Chateaubriand, alusão ao enigma de Édipo, o Brás Cubas histórico, Cavour e Bismarck, Suetônio e os Doze Césares, Cláudio, Sêneca, Tito, Lucrécia e os Borgias, Messalina, Gregorovius, a dieta germânica, a batalha de Salamina, a confissão de Augsburgo, Cromwell e uma sugestão de Pascal, Corneille, Ezequias, Buffon, a *Suma Teológica*, o cavalo de Aquiles e a asna de Balaão, a tenda de Abraão, Natureza ou Pandora, Jó, os Hebreus do cativeiro, os devassos de Cômodo, Tebas de cem portas, Tertuliano etc.¹¹

As citações a torto e a direito, percebidas por Meyer como indício de “certo ranço de literatice” de um “homem muito lido”, serão ressignificadas por Schwarz como traço narrativo não exatamente de capricho, mas de algo correlato, a *volubilidade*, entendida também como traço de um comportamento de classe, presente nas ações do personagem vivo e adotado na prosa do defunto autor. A volubilidade será o *princípio formal* do romance, que diz respeito tanto a um comportamento narrativo como ao comportamento social de certos membros da elite brasileira, dos quais Brás Cubas seria um perfeito representante.

Como se vê, observações pontuais tanto de Lúcia Miguel Pereira como de Augusto Meyer ganham grande envergadura na crítica de Roberto Schwarz, na

⁹ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881, p. V.

¹⁰ *Ibid.*, p. 203.

¹¹ MEYER, Augusto. “De Machadinho a Brás Cubas”. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, p. 9-18, set. 1958.

medida em que questões de “conteúdo” e questões “formais” estão profundamente articuladas.

Para chegar a essas articulações, Antonio Cândido, e muito especialmente seu ensaio “Dialética da malandragem: caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*”, têm papel fundamental. No texto de 1970, Cândido faz o estudo minucioso das relações entre as personagens do romance de Manuel Antônio de Almeida para chegar à *redução estrutural* do romance, que se assentaria sobre a fluidez dos limites entre a observação e a transgressão da lei, constituindo a dialética da ordem e da desordem, ou a dialética da malandragem, que imitaria certo modo de funcionamento da sociedade brasileira.¹² Na leitura de “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” (1979), podemos depreender as filiações e as diferenças do método de Roberto Schwarz em relação àquele desenvolvido por seu “mestre açú” para estabelecer a relação entre literatura e sociedade.¹³ Se para Cândido isso se dá pela estrutura, para Schwarz a relação se dá pela forma — estrutura e forma entendidas como princípios mediadores que organizam em profundidade os dados da ficção e do real, participando desses dois planos. Para os dois críticos, é preciso ler uma na outra, literatura e realidade/sociedade, até se identificar o termo de mediação.

Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, a volubilidade seria esse termo de mediação, princípio estético equivalente ao da dialética da malandragem que Cândido detectou no romance de Manuel Antônio de Almeida.

Não cabe nos limites deste texto esmiuçar o assunto, porém vale indicar o aprofundamento teórico de Schwarz na leitura de Adorno e sua dialética negativa como dado fundamental a distanciar a sua abordagem em relação à de Cândido no que diz respeito a um mesmo problema: estabelecer a relação entre literatura e sociedade sem cair em visões fáceis, mecânicas, superficiais, idealizadoras, ou ingênuas, do que seja a sociedade.

Também a ideia de Cândido de formação da literatura brasileira como processo cumulativo, do qual Machado de Assis seria o grande artífice e

¹² CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem: caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*”. *Revista do IEB*. São Paulo, n. 8, p. 67-89, 1970.

¹³ SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. In: *Que horas são?*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 129-55.

beneficiário, por saber aproveitar o que havia de melhor em seus predecessores,¹⁴ ganha demonstração com grande fôlego analítico em *Ao vencedor as batatas*. Por meio da comparação com Alencar, especialmente *Senhora*, Schwarz ressalta os feitos de Machado de Assis já nos seus primeiros romances, nos quais traz para o primeiro plano da narrativa aquilo que em Alencar ficava ao fundo — as dinâmicas sociais brasileiras assentadas sobre os arranjos, a dependência e o favor. Enquanto José de Alencar procurava transpor as questões do mundo contemporâneo europeu à realidade brasileira, como fez em *Senhora*, obra na qual as relações entre amor e dinheiro estão pensadas numa perspectiva burguesa que não correspondia aos modos de vida brasileiros, Machado, para Schwarz, dava um passo atrás, ao retirar do centro desses primeiros romances as grandes questões contemporâneas, tais como o poder da ciência e do capital, para concentrar-se nas relações entre proprietários e dependentes. Com isso, avançava na notação realista, uma vez que a situação dos dependentes tinha muito mais a dizer sobre a sociedade brasileira do que os valores e as práticas da burguesia europeia, que se professavam universais, mas não podiam ser aplicados ao Brasil sem muitas mediações e relativizações.

Tanto o projeto crítico de Antonio Cândido como o de Roberto Schwarz davam grandes saltos em relação às leituras histórico-sociais que eram feitas desde o final da década de 1930, em grande medida baseadas na teoria do reflexo, que, no âmbito da crítica machadiana, teve como seu principal expoente Astrojildo Pereira. Diferentemente de leituras anteriores, que circunscreviam o realismo machadiano nos limites nacionais, a interpretação de Schwarz propõe que o alcance crítico e social da obra machadiana não se esgota na denúncia de tipos e vícios locais. Sua crítica tem alcance internacional, na medida em que o funcionamento da sociedade brasileira, revelado por Machado, expõe as faláciais e falsas promessas do mundo liberal e burguês, de modo que a denúncia abarca a dimensão ideológica da suposta universalidade dos valores burgueses.

Machado expunha, para quem quisesse ver, o contraste entre o ambiente burguês europeu, assentado em princípios de autonomia do indivíduo e igualdade entre os homens, e o brasileiro, baseado na instituição do favor e na escravidão.

¹⁴ Cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos 1750-1880)*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009, p. 436-7.

Isso porque, no Brasil, o surgimento de certa burguesia e a circulação de valores burgueses não superava uma ordem anterior, como o capitalismo fizera na Europa em relação ao feudalismo, já que aqui os pressupostos burgueses e as práticas do favor se revezavam, numa “coexistência estabilizada”.¹⁵

A captação dessa coexistência — que decorre do movimento desigual e combinado do capitalismo, segundo a proposição de Leon Trótski — na forma do romance machadiano constitui para Schwarz uma crítica de longo alcance, melhor observada a partir da percepção das contradições geradas na periferia do sistema capitalista. Esse teria sido o grande feito de Machado de Assis, e diria que também da crítica de Roberto Schwarz.

Para chegar a esse resultado, o realismo machadiano tomava a contramão do objetivismo e da isenção praticados pelos narradores de Zola e Flaubert, uma vez que está lastreado na volubilidade e na hipersubjetividade dos narradores em primeira pessoa. Essa seria uma expressão original do realismo, menos mistificador que suas versões europeias, na medida em que expunha a natureza interessada de qualquer ponto de vista ao explorar desde dentro (ou seja, a partir da revelação dos modos de funcionamento mental de narradores como Brás Cubas e Dom Casmurro, tipos da elite brasileira) as ilusões de objetividade e isenção pressupostas no realismo praticado pelos maiores escritores realistas europeus.

Note-se, pelo exposto, que o projeto crítico de Roberto Schwarz, cujos primeiros resultados começavam a ser publicados em meados da década de 1970, articulava linhas interpretativas que então se desenvolviam em paralelo nos vários trabalhos do período e anteriores: a leitura formalista de Merquior e Riedel, a leitura psicológica de Lopes, a leitura histórico-social de Faoro.

A construção do Machado de Assis realista, que se desenvolve ao longo de décadas, encontrou até agora sua formulação mais densa e desenvolvida na crítica de Roberto Schwarz. Entretanto, ela se dá *em relação* e de forma *complementar* ao trabalho de vários críticos, que ele mesmo trata de nomear: Silviano Santiago, Alfredo Bosi, John Gledson e José Miguel Wisnik.¹⁶ Ainda que adotem pressupostos teóricos distintos, descrevem o que Schwarz chama de “gravitação de conjunto”,

¹⁵ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Op. cit., p. 17.

¹⁶ Cf. SCHWARZ, Roberto. “Leituras em competição”. In: *Martinha versus Lucrécia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 15.

permitindo a extraordinária reconfiguração do autor e de sua obra, tendo na sua crítica o ponto de virada decisivo.

Este breve traçado das relações dos escritos de Roberto Schwarz com os de outros críticos não diminui em uma vírgula a originalidade e a potência da sua interpretação. Pelo contrário, demonstra o caráter coletivo e cumulativo do pensamento crítico. A maior prova disso é que os melhores trabalhos sobre Machado de Assis publicados nos últimos cinquenta anos, no Brasil e fora do país, das mais diversas vertentes teóricas, dialogam, e em alguns casos polemizam com a interpretação de Roberto Schwarz, como é o caso dos escritos de Alfredo Bosi, Abel Barros Baptista e Michael Wood, o que é indicativo do caráter incontornável de sua interpretação.¹⁷ A força e a eficácia da viravolta schwarziana, portanto, entendem-se melhor pelo diálogo que sua crítica estabelece tanto com os predecessores como com os contemporâneos.

Exatamente como ocorre nos escritos de Machado de Assis.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.
- CANDIDO, Antonio. "Dialética da malandragem: caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*". *Revista do IEB*. São Paulo, n. 8, p. 67-89, 1970.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (Momentos decisivos 1750-1880)*. 12^a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê: as figuras machadianas através da crítica e das polêmicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares 1939-2008*, v. 2. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

¹⁷ Procurei caracterizar as interpretações a partir dos diferentes pressupostos adotados por esses críticos em *Machado de Assis, o escritor que nos lê: as figuras machadianas através da crítica e das polêmicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

- LOPES, José Leme. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1974.
- MERQUIOR, José Guilherme. "Gênero e estilo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*". *Colóquio Letras*. Lisboa, n. 8, p. 12-20, jul. 1972.
- MEYER, Augusto. "De Machadinho a Brás Cubas". *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, p. 9-18, set. 1958.
- MEYER, Augusto. *Machado de Assis (1935-1958)*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. "Machado de Assis". In: *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria José Olympio, 1950, p. 55-103.
- RIEDEL, Dirce Côrtes. *Metáfora: o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.
- ROCHA, Glauber. "O Guarani e Dom Casmurro ou a competição entre Iracema e Capitu pelo título de Miss Brazyl". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 set. 1976 (Caderno B, p. 10).
- SCHWARZ, Roberto. Entrevista a José Miguel Wisnik. Disponível online em: https://www.youtube.com/watch?v=1MglFAyQp_c. Acesso em: 23 abr. 2025. "As ideias fora do lugar". *Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 3, 1973.
- _____. "Criando o romance brasileiro". *Argumento*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 19-47, 1974.
- _____. "Só as asas do favor me protegem". *Almanaque: Cadernos de Literatura e Ensaio*. São Paulo, n. 1, p. 13-24, 1976.
- _____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- _____. *Que horas são?*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- _____. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Sequências brasileiras*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Martinha versus Lucrécia*: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Seja como for*: entrevistas, retratos e documentos. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2019.

Hélio de Seixas Guimarães é professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo, pesquisador do CNPq e autor de *Os leitores de Machado de Assis* e *Machado de Assis, o escritor que nos lê*, entre outros livros e artigos.